

Os Ciclomáticos
levam duas de
suas peças à Madri

PÁGINA 3



O polêmico 'Som
da Liberdade'
chega ao Brasil

PÁGINA 5



Caetano anuncia
novas datas para
o show 'Transa'

PÁGINA 7



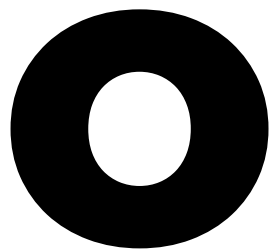
2º CADERNO

Divulgação

Prêmio Shell de
Teatro institui
categoria nacional
para contemplar
espetáculos de
todas as regiões

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã



Brasil, como
um forte tra-
ço de cultura,
possui pre-
miações de to-
dos os jeitos.
Medalhas,

títulos, festivais, comendas, concursos,
eleições. No entanto, poucos prêmios são
capazes de escolher os talentosos, ter um
grupo de efetivos conhecedores e experts
como o Prêmio Shell de Teatro.

Além disso, o Shell - como é tratado -
tem ao longo de seus 34 anos a capacidade
de acompanhar as mudanças da cena artís-
tica, contemplar a diversidade e mais home-
nagear os grandes. Na política do premiar o
passado e o presente, mas com olho no futu-
ro, a premiação chega à 34ª edição em 2024
com várias novidades no regulamento.

A primeira delas é a criação da cate-
goria Destaque Nacional, que premiará
espetáculos de todo o Brasil. Um júri foi
selecionado especialmente para esta se-
leção, trazendo nomes do Paraná, Bah-
ia, Ceará e Minas Gerais: Giovana Soar
(atriz, diretora, tradutora e curadora),
Marcio Meirelles (encenador, dramatur-
go e gestor cultural), Dane de Jade (atriz,
pesquisadora e gestora cultural) e Gui-
lherme Diniz (pesquisador, crítico cultu-
ral e professor).

Para concorrer na categoria Destaque



A inscrição de espetáculos para concorrer ao cobiçado Prêmio Shell vai até 15 de novembro

Fronteiras cênicas ampliadas

Nacional, será necessário se inscrever no pe-
ríodo de 15 de setembro a 15 de novembro.
Os espetáculos devem ter realizado um mí-
nimo de seis apresentações públicas, entre

1º de janeiro 31 de outubro de 2023. Não
serão elegíveis espetáculos montados exclu-
sivamente para o formato virtual.

A produção dos espetáculos postulan-

tes deverá preencher o formulário e en-
viar um vídeo com o registro integral do
espetáculo. Só podem participar grupos
e/ou profissionais estabelecidos com no
mínimo três anos de atuação comprovada.
Mais detalhes no link www.shell.com.br/sociedade-e-meio-ambiente/premio-shell-de-teatro/regulamento.html

O Prêmio Shell de Teatro se tornou
uma das grandes referências do teatro bra-
sileiro nas últimas três décadas. É possível
contar a história da cena teatral do Rio e
de São Paulo ao longo das suas 33 premia-
ções, com seus artistas indicados, os espe-
táculos consagrados e os homenageados
de cada ano. Mais do que isso, entender
que existem grupos, diferenças, novos
artistas, autores nacionais, um esforço da
classe em manter o teatro vivo e atuante.

Continua na página seguinte

A tradicional premiação das temporadas teatrais de Rio e de São Paulo teve algumas modificações no regulamento. O número mínimo de apresentações para garantir a elegibilidade também mudou: serão 20 para espetáculos que tenham estreado no Rio ou São Paulo, entre 1º de janeiro e 30 de novembro de 2023, não necessariamente consecutivas e nem na mesma praça. O espetáculo pode ter feito temporadas anteriores em outras cidades, mas estará elegível caso tenha estreado no período indicado, no Rio ou São Paulo.

A mudança visa possibilitar a participação de espetáculos de outros estados, que se apresentem em uma das duas cidades. Além disso, vale ressaltar que é imprescindível o número mínimo de 10 apresentações na praça onde o espetáculo for concorrer. Ou seja, são necessárias pelo menos 10 sessões públicas do espetáculo no Rio ou São Paulo, tornando-se assim apto a concorrer na cidade. Esse ano todos os indicados serão divulgados em um só bloco durante o mês de dezembro e o homenageado será apresentado em novembro.

Leandro Santana resalta o caráter do momento que o teatro vive no Brasil. “É uma alegria dada ver a cena teatral tão aquecida e pertencer a este momento em múltiplas funções, pois atualmente tenho assistido várias peças que avaliei em editais do ano passado, e tenho um orgulho de estar como Júri do Prêmio Shell que a cada dia se aproxima mais de todas as possibilidades do fazer teatral. Do e-mail institucional aos lugares onde vamos assistir as peças, tudo é conquista da classe.”

Com dois corpos de jurados diferentes para Rio de Janeiro e São Paulo - Leandro Santana (produtor cultural, gestor público e ator), Ana Luisa Lima (professora, produtora e gestora cultural), Biza Vianna (figurinista, diretora de arte e produtora cultural), Patrick Pessoa (professor, dramaturgo e crítico teatral) e Paulo Mattos (curador e



A comissão julgadora da edição carioca do Prêmio Shell

Oportunidades para a diversidade

“Ser jurada do Prêmio Shell de Teatro tem sido um enorme aprendizado. Poder assistir o desenvolvimento da cena carioca é um privilégio”

Ana Luisa Lima

produtor cultural) no Rio de Janeiro e por Evaristo Martins de Azevedo (crítico de arte), Ferdinando Martins (professor e crítico de arte), Luiz Amorim (ator, diretor e gestor em produção cultural), Maria Luisa Barsanelli (jornalista) e Luh Maza (dramaturga, diretora, roteirista e atriz) em São Paulo, todo o processo se funda no diálogo e na reunião

entre os jurados para que se expresse a força do teatro naquele período.

Biza Vianna destaca a participação no júri. “Participar do Prêmio Shell tem sido um carinho comigo pela minha ligação com o teatro pela vida inteira, mas principalmente um ato político de acompanhar e interferir no tempo, no hoje, através da valorização de ideias,

conteúdos e imagens contemporâneas e transformadores.”

Como não haverá mais a divisão por semestres os indicados serão no máximo quatro por categoria: Dramaturgia, Direção, Ator, Atriz, Cenário, Figurino, Iluminação, Música, além de Energia Que Vem Da Gente, que premia iniciativas com impacto social positivo e visa reconhecer a criatividade dos artistas e seu impacto positivo no seu entorno e na sociedade brasileira. A cerimônia de premiação acontecerá no primeiro semestre de 2024. O anúncio dos indicados na Categoria Destaque Nacional será feito no início de 2024, para que o júri tenha tempo hábil para assistir a todos os vídeos dos espetá-

culos inscritos

Ana Luiza Lima destaca as lições assimiladas em seu tempo de comissão julgadora do Shell no Rio. “Ser jurada do Prêmio Shell de Teatro nos últimos seis anos tem sido um enorme aprendizado. Poder assistir o desenvolvimento da cena carioca é um privilégio. Com esse time fomos além do território carioca, atravessamos túneis e vias diversas, uma vez que ampliamos nossos olhares e temos assistido regularmente os espetáculos, contemplando a diversidade de produções. Além de julgar os espetáculos, acredito que estamos possibilitando a construção de pontes, que liguem nossos territórios de forma mais igualitária.”

Criado no subúrbio carioca, grupo Os Ciclomáticos leva dois espetáculos de seu repertório para festival em Madri

Num giro iniciado na última semana, a trupe d'Os Ciclomáticos dá mais um importante passo em sua trajetória. O grupo de teatro nascido há 27 anos em Bonsucesso, no subúrbio carioca, está apresentando parte de seu repertório na Espanha no festival ¡Hola, Rio!, que se realiza em Madri.

Selecionado pelo edital Casa de América, projeto da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa que tem por objetivo levar a cultura fluminense até a capital espanhola, Os Ciclomáticos encenam os espetáculos "Ariano – O Cavaleiro Sertanejo" e "A Farra do Boi Bumbá", escritos e dirigidos por Ribamar Ribeiro e que fazem parte do repertório da companhia.

"É uma experiência única. Não será nossa primeira vivência internacional, mas esta será uma consagração dos 27 anos de trajetória da Companhia. E estar em Madri, referência mundial das artes, é uma honra, pois representaremos o Rio de Janeiro, a periferia e o Brasil", anima-se Ribamar. "Somos a representatividade do Brasil, nossa trajetória é repleta de muita luta desde os primórdios, quando recebíamos dinheiro nos sinais de trânsito de Bonsucesso para realizar nossos trabalhos", lembra o diretor, que já que esteve com sua Companhia em festivais de países como Alemanha, França e



Cena do espetáculo 'Ariano - O Cavaleiro Sertanejo', que está sendo montado em Madri

Arte brasileira para espanhol ver

“Nossa trajetória é repleta de muita luta desde os primórdios, quando recebíamos dinheiro nos sinais de trânsito para realizar nossos trabalhos”

Ribamar Ribeiro

Peru – neste último, no Festepe, a Companhia recebeu o Prêmio de Companhia Ilustre da América Latina e Ribamar recebeu a láurea de melhor diretor por suas pesquisas de linguagem.

Cruzando mares e criando pontes entre Brasil e Espanha, o Festival ¡Hola Rio! leva a riqueza da produção artística do Estado à Espanha para gerar intercâmbios num ambiente de celebração das artes e da cultura.

Os espetáculos d'Os Ciclomáticos se serão na Casa de América e no Centro Cultural Casa de Vacas, no Parque El Retiro. Única peça brasileira a se apresentar na Casa de América – Anfiteatro Gabriela Mistral, "Ariano – O Cavaleiro Sertanejo" poderá ser

visto nesta terça-feira (19), às 19h30 (horário local). Já "A Farra do Boi Bumbá" se apresenta no Centro Cultural Casa de Vacas no dia seguinte, às 17h.

"Temos ainda mais orgulho da nossa história neste momento. Acabamos de fazer uma turnê pelo país com o Projeto Os Ciclomáticos Emcena, com patrocínio de grandes empresas. Ao longo desses 27 anos, já rodamos mais de 170 cidades do país em todas as regiões, com 13 espetáculos em repertório apresentados pela nossa companhia, formada por artistas da periferia, favelas cariocas, Baixada Fluminense e interior do estado. Tudo está acontecendo ao seu tempo, porque, sendo um grupo perifé-

rico, muitas vezes as portas precisam ser abertas quase à força. Mas caminhamos sempre pra frente, sempre juntos e representando sempre nossas origens, nosso território suburbano", orgulha-se Ribamar.

No retorno ao Brasil, Os Ciclomáticos realizam a Oficina O Ator Autoral e seu corpo, ministrada por Ribamar Ribeiro no dia 18 de outubro, às 14h (com inscrição prévia), e a palestra Os Ciclomáticos na Casa de América – experiências e vivências, às 19h, com os integrantes de Os Ciclomáticos Companhia de Teatro. Todas as atividades serão realizadas no Espaço das Artes – Os Ciclomáticos, na Rua de Santana, 119, no Centro.

CORREIO CULTURAL

Fernando Chaves/EBC



Fachada da Caixa Cultural Rio - Teatro Nelson Rodrigues

Shows da Caixa Cultural ganham as ondas do rádio

Uma parceria entre a Rádio Nacional e a Caixa Cultural vai permitir a transmissão de shows musicais patrocinados pelo banco na programação da emissora. O público poderá acompanhar os espetáculos de grandes nomes da MPB no dial, pelo app Rádios EBC ou no site da emissora.

A primeira apresentações foi

transmitida no último sábado (16), com shows de 14 Bis, Ceumar e Tetê Espíndola. Com uma hora de duração, os musicais ocorrem na Caixa Cultural do Rio, de São Paulo e de Curitiba.

A faixa com os espetáculos realizados na Caixa Cultural ganha horário fixo na programação da emissora todos os sábados, às 21h.

Personagem

Anitta vem concedendo várias entrevistas a publicações de outros países. Na mais recente, falou sobre como o desejo de ser mãe e formar família é dificultado pela carreira. “Quero ter família e outras coisas, mas esse personagem não deixa”.

Hora do troco

Com Deborah Secco não tem assunto espinhoso. A atriz contou ter sido traída em todos os seus relacionamentos. “Dei o troco em todo mundo que me traiu”, disse ela, durante o evento de lançamento de “Elas Por Elas” (Globo).

Dono do tempo

Tiago Leifert afirmou ter recebido proposta milionária para continuar na Globo. O apresentador não disse o valor, mas a oferta era algo que não precisaria trabalhar nunca mais na vida. “Eu queria ser dono do meu tempo”, alegou.

Relações ruins

Aparentemente algum (ou alguns) namorado(s) de Grazi Massafera a machucou. É o que ela indicou no podcast Wowcast. Num papo sobre autoestima, ela disse que se sentiu valorizada na época do Big Brother 5, mas que isso nem sempre aconteceu.

Segunda é Fogo...
Contra Fogo

Cult de 1995 com os astros Al Pacino e Robert De Niro ganha a telona do Estação nesta segunda

Divulgação

Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Dias depois de Michael Mann ter acelerado corações no Festival de Veneza com seu esperado “Ferrari”, com Gabriel Leone no elenco, uma das pérolas do cineasta ganha a telona do Estação NET Botafogo nesta segunda-feira, às 20h40, na sessão Clássicos: “Fogo Contra Fogo” (“Heat”). É o longa-metragem que marcou o primeiro encontro nas telas entre Al Pacino e Robert De Niro, amigos e contemporâneos da chamada Easy Rider Generation (onda estética que revolucionou os EUA no cinema, de 1967 a 1981). A dupla havia feito antes “O Poderoso Chefão 2”, porém sem contracenar. Mann satisfaz o desejo das plateias de vê-los juntos. Em 2008, eles fizeram, juntos, “As Duas Faces da Lei”, e, em 2019, “O Irlandês”. A sessão na tradicional sala da Voluntários da Pátria coincide com a chegada as livrarias brasileiras, pela editora HarperCollins da aclamada experiência do realizador no terreno da prosa, redigida com a escritora Meg Gardiner: “Heat 2: A Novel”.

No que o livro saiu, ele virou, instantaneamente, um fenômeno no mercado editorial dos EUA. Sua trama expande o enredo de polícia e ladrão do filme, que surpreendeu espectadores por sua ousadia gráfica e pelo impacto de sua montagem. Sensação de surpresa similar acontece agora, com a incursão do realizador de sucessos como “O Informante” (1999) pela escrita, a julgar pelos elogios recebidos de bambas da prosa como James Patterson. Este escreveu: “Já estou a citar linhas de ‘Heat 2’ aos



Robert De Niro em ação numa das sequências de tiroteio mais vertiginosas da História feitas no cinema

meus amigos escritores, sem vergonha, dizendo que as linhas são minhas”.

Em junho de 2022, em Nova York, uma cópia restaurada em 4K de “Fogo Contra Fogo” foi projetada no Festival de Tribeca. Suas sequências de tiro e perseguição marcaram época. Sua bilheteria beirou US\$ 187 milhões. Sob a direção de Mann, De Niro é o ladrão de carros-fortes Neil McCauley, que lidera uma gangue especializada em assaltos mirabolantes, com armamento pesado, usando máscaras de hóquei. Pacino é Vincent Hanna, um dedicado policial, cuja vida pessoal está em frangalhos, empenhado em capturar McCauley. Mas um código de honra inusitado vai nascer entre eles, no momento em que Hanna tenta ajudar sua enteada (Natalie Portman) e que Neil engata um romance com uma especialista em artes plásticas, Eady (Ay Brenneman).

Ao longo de 480 páginas, “Heat 2” devassa as estruturas criminosas de Los Angeles, com pousos no Paraguai e no México dos cartéis. O livro começa do ponto em que “Fogo Contra Fogo” termina nas telas. Vai e volta no tempo, até os anos 1980,

retratando a origem de seus dois protagonistas. Um dia após a resolução da trama do longa, o ladrão Chris (interpretado por Val Kilmer no filme) está escondido em Koreatown, ferido, delirante, a tentar desesperadamente fugir de LA. A caçá-lo está o detective da LAPD Vincent Hanna (Al Pacino). Horas antes, Hanna deteve McCauley. Agora, Hanna está determinada a capturar (ou matar) Chris, que é o último sobrevivente da tripulação de McCauley, antes de ele sair da cidade.

Ao retratar o passado, indo até 1988, McCauley, Chris e a sua gangue estão na fronteira entre os EUA e o México, emplacando um roubo atrás do outro. Por outro lado, Hanna segue sua vocação de homem da lei, em perseguição a criminosos violentos. O que vemos é uma trama que se candidata a clássico na literatura, numa intertextualidade com o cinema.

A partir desta quinta, o Estação se dedica a uma retrospectiva de Rainer Werner Fassbinder (1945-1982), com pérolas como “O Machão” (1969) e “Roleta Chinesa” (1976).

Divulgação



Estrelado por Jim Caviezel, o longa vem obtendo lucro astronômico depois de amargar na fila do circuito exibidor

O Rambo de Jesus

Alvo de polêmicas por sua conexão com grupos católicos, 'Som da Liberdade' se firma como um filmes mais lucrativos (e comoventes) do ano

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Escanteado por Hollywood desde sua interpretação do Filho do Homem em "A Paixão de Cristo" (2004), o ator Jim Caviezel passou a figurar entre as apostas para o Oscar de 2024 desde que seu mais recente filme - e que filme! - virou um dos sucessos mais inesperados do ano: "Som da Liberdade" ("Sound of Freedom").

Rodado há cinco anos, parte em solo colombiano e parte na Califórnia, ao custo de US\$

14,5 milhões, esse thriller com essência de melodrama, dirigido pelo mexicano Alejandro Monteverde (premiado no Festival de Toronto por "Bella", em 2006), faturou US\$ 210,5 milhões.

Lucrou alto depois de um laaaaargo período na fila das produções sem tela. Sua essência cristã católica, endossada pela presença de Mel Gibson entre seus produtores, e o fato de operar sobre um caso real cercado de controvérsias pôs a saga do agente Tim Ballard (papel de Caviezel, numa agigantada e alumbrada atuação) na mira das mais indóceis patrulhas ideológicas.

Apesar delas e de muita des-

confiança por parte da crítica, o longa chega ao Brasil nesta quinta-feira (21) e promete ter um faturamento astronômico.

Circundado por "Nosso Sonho - A História de Claudinho e Buchecha" e "Os Mercenários 4", que têm um perfil popular de ressonância também na classe C, D e E, "Som da Liberdade" chega nas mais atrativas companhias, o que pode simbolizar uma sinergia de público para seu lançamento. Mídias de ascendência religiosa, simpáticas ao Vaticano, têm demonstrado forte adesão ao longa, que se embrenha por um dos temas mais sombrios do planeta: o tráfico

sexual de crianças.

De cara, uma cartela de abertura diz: "Baseado em fatos reais". É uma suspensão de qualquer potencial descrença que a plateia venha a ter em relação à descida ao Inferno empreendida por Ballard, um especialista no combate à pedofilia. A crença de que "filhos de Deus não podem ser comprados" move seus passos depois de salvar um garotinho de uma rede de exploradores de menores nos EUA. Tal rede tem como base a Colômbia, e é para lá que ele parte a fim de salvar a irmã do rapazinho que resgatou. A princípio, tem o indulto da agência de segurança Homeland Security Investigations (HSI), órgão do governo do Estados Unidos. Mas ao se embrenhar nas entranhas da América Latina, seu principal aliado na missão é Vampiro, um ex-contraventor outrora ligado a lavagens dos dólares do narcotráfico, personagem que pode render ao ator Bill Camp uma indicação à estaueta de Melhor Coadjuvante. Caviezel e ele têm covalência plena na química cênica. Juntos, encaram uma célula guerrilheira na selva, de modo a defender infâncias ameaças por pedófilos.

Essa dobradinha deles, que garante à narrativa um eco de "Rambo II - A Missão", só teve chance de sair do circuito exibidor dos EUA graças ao esforços do Angel Studios, empresa católica de Utah, fundada em 2021. É ela a grife por trás da produção e da circulação mundial de projetos como a série "The Chosen". Com o sucesso de "Som da Liberdade", seu prestígio se amplia. É inegável o tom retórico catequético do filme. Trata-se de uma aula de publicidade, com um roteiro impecável - de zero obviedade - cuja direção explora de modo hábil a gramática do folhetim e do suspense. O terço final é enervante. Mas no olhar umedecido de Caviezel sua estratégia dá lugar a um espectro de empatia. Um espectro arrebatador. É assumidamente publicitário, mas, ao mesmo tempo, sabe ser encantadoramente preciso.

Trata-se de uma aula de publicidade, com um roteiro impecável - de zero obviedade - cuja direção explora de modo hábil a gramática do folhetim

CANTO DA CRÔNICA

LUÍS PIMENTEL
JORNALISTA E ESCRITOR
luispime@gmail.com

Amigos

Reprodução



Tinha um que falava alto, outro que ria de banda, um que mentia adoidado, outro não pagava as contas, aquele muito sisudo, o que bebia demais, uma toda saltitante, outra dona da verdade, aquela que usava franja e volta e meia brigava, uma meiga que só vendo, namorada de um boçal (ou era só meu ciúme?), um que tinha orgulho exagerado de ser negro e até fazia discurso racista, outro que tinha vergonha de falar fino, uma que misturava bebidas e queria namorar todo mundo (depois sempre se arrependia), cantava “Ronda” e começava a chorar, um adorava contar de quando serviu o Exército, outro detestava o apelido de sargento (por conta da mania de dar ordens), uma que sonhava ser atriz, outra que dizia vou embora senão meu marido me mata, o morador de Niterói que tomaria só mais um copo para não perder a barca (perdia sempre), aquele que achava que ia conseguir ler na mesa, citando trechos de Schopenhauer e pedindo que falassem baixo, o que reagia “buteco não é biblioteca”, outro que toda vez que chovia recitava um verso de Antonio

Brasileiro “Chove na cidade e não posso sair para ver os amigos e desabafar essa mágoa porque chove”, um que reagia “Caralho, estava demorando”, aquela que no quinto copo começava a cantar Fagner, imitando o sotaque e o tremor na voz, parecendo que estava engasgando, os que riam, os que diziam “Vamos ouvir, porras, olha o respeito”, a que berrava “Agora só pego mulher, homem é tudo babaca e machista”, um que gostava do bordão “Algo há, algo há”, carregando no sotaque para imitar o Brizola, um que adorava frases feitas, outro que fazia frases, o mendigo que passava, parava, ria e seguia o seu caminho, a vendedora de flores que oferecia “Compra flores para as moças”, o que sempre dizia “Essas moças não merecem flores” e ouvia das moças o coro com o desabafo “Seu babaca”, o dono do bar que olhava pro garçom com cara de “Tá na hora de botar as cadeiras sobre as mesas e jogar água no salão” e o garçom que berrava “dessa vez é saideira mesmo, não sirvo mais, preciso ir embora, tenho casa, mulher e filhos, vão pra puta que os pariu!”

E ninguém saía. Nem o garçom, que era amigo também.

CRÍTICA / RESTAURANTE / YAYA COMIDARIA

Divulgação



Acarajés crocantes acompanhados de camarão defumado vatapá e saladinha

Quando todos os pratos são quindins de laiá

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Para fazer um voo sobre a comida brasileira, temos que falar da culinária baiana. A cozinha, cantada em prosa e verso, sobretudo os pratos típicos do Recôncavo, que preserva a ancestralidade africana, mas incorpora o mar com as cores mais lindas do Brasil.

E não falta a nossa farinha, os pratos de tapioca, todos herdeiros do aipim, macaxeira, seja o nome que for, o nosso orgulho nacional, posto que do tubérculo que aparece da entrada ao biscoitinho do café que, podemos dizer, mas isso só no Brasil.

Fomos, no enorme calor, fazendo jus ao ambiente ao Yaya Comidaria no Leme. Um térreo de um exemplar da maravilhosa arquitetura do tempo da capital da República, em um ambiente com mesas de madeira, barro, palha e uma mi-

riade de clientes, turistas de todos jeitos, amigos conversando, artistas como Nando Reis, eu e Monsieur Le Roi. De prima, Le Roi pediu o vinho da casa. Ele, grande especialista, aprovou o branco com frescor e que veio em um lindo pichon (a garrafinha própria de vinho). partimos só para dois pratos, para se comer devagar, naquele ritmo baiano de pouquinho em pouquinho. Os acarajés são feitos em um centro de Caxias, como manda o preceito. O feijão batido, que forma a massa cremosa e fritos na hora do dendê. É do senhor do Bonfim descer a sua ladeira. Crocantes, quentes, deliciosos acompanhados de camarão defumado, nada salgado, um vatapá e saladinha, como os baianos chamam o vinagrete.

Depois veio um arrumadão de picanha de sol. A carne de sol, curada no ponto de maciez e sal, cortada em lascas, frita e acebolada. E os acompanhantes daquelas que só a Andressa Cabral, a chefe é capaz de crirar. Pirão de queijo, um purê

de aipim de se comer puro, salada de fradinho, com farofa de farinha d'água, aquela que faz croc croc na boca. O atendimento de Luciene Adão que, gentilíssima, foi nos servindo, explicando, secundada por Joy que não deixava faltar o vinho, trouxe a cerveja véu de noiva como se diz na Bahia.

Um almoço absolutamente massa – o termo que usa em Salvador para tudo que é bom – foi finalizado com Punhetinhas com Leite Condensado – massa doce de tapioca e coco frita, envolta em canela com açúcar. Aliás, canela, ingrediente de um dos maiores romances do Brasil, aquele do Jorge Amado que virou filme, novela, tudo – estava presente no drinque de maracujá, cachaça, limão, veio dominando. Le Roi afirmou que só mexerá o café com a canela desse jeito. Aliás, dia 23 de setembro lá vai ter São Cosme, a festa dos Erês, nossas crianças. Depois de tantos sabores, atendimento supimpa, ficamos a pensar que, para ficar mais perfeito ainda, só faltou a rede.

SERVIÇO

YAYA COMIDARIA
Rua Gustavo Sampaio, 361
- Leme. Tel e reservas: (21)
3496-7754
De terça a domingo, a partir das 12h

Show com Jards Macalé que rememora disco icônico do baiano terá duas novas apresentações no Rio em novembro

Caetano Veloso anunciou que fará mais dois shows cantando o repertório do disco “Transa” (1972). Ele deu a informação no Instagram, em um vídeo publicado por Paula Lavigne. As apresentações serão no espaço Arena Jockey, no Jockey Clube Brasileiro, na Gávea. Os shows, únicos com esse repertório, estão marcados para os dias 11 e 12 de novembro.

Lançado em 1972, “Transa” foi feito enquanto Caetano estava no exílio em Londres, após ser expulso do Brasil pela ditadura militar jun-

Caetano promete nova ‘Transa’

Felipe Gomes/Divulgação Doce Maravilha



Macalé e Caetano durante a apresentação de ‘Transa’ em noite de imprevistos

to com o parceiro Gilberto Gil. Foi o segundo álbum lançado pelo tropicalista em seu período na Europa.

As músicas do disco já haviam sido apresentadas em show no festival Doce Maravilha, realiza-

do em agosto na Marina da Glória. Na ocasião, a apresentação atrasou e quase não aconteceu

por causa da tempestade que desabou na cidade na ocasião.

Assim como no show de agosto, Caetano será acompanhado pelos músicos remanescentes que tocaram nas gravações de “Transa”: Jards Macalé, que dirigiu o álbum, e os percussionistas Tutty Moreno e Áureo de Souza. O baixista Moacyr Albuquerque morreu em 2000.

Se repetir o que fez no Doce Maravilha, o tropicalista ainda vai encaixar músicas que não estão em “Transa”, mas foram lançadas no mesmo período do disco --como “Araçá Azul” e “London, London”. Faixas do álbum, como “You Don’t Know Me”, “Nine Out of Ten” e “Mora na Filosofia” devem constar no repertório.

SERVIÇO

CAETANO VELOSO CANTA TRANSA

Espaço Arena Jockey (Praça Santos Dumont, 31 - Gávea,) 11 e 12/11

Ingressos a partir de R\$ 500 no link www.eventim.com.br/event/caetano-veloso-show-transa-arena-jockey-17503258/

Confissões sonoras à meia luz

Joana Dutra/Divulgação



Pedro Fonte flerta com o pop rock em seu novo álbum

Nas altas horas da noite, os contrastes se tornam mais perceptíveis e o tempo passa em um ritmo abstrato. É nesse momento em que Pedro Fonte mergulha nas mais íntimas emoções humanas que inspiraram seu segundo álbum solo, “Luz na Madrugada / Late Night Light”. Entre 10 faixas e mesclando influências brasileiras, do soul e do rock britânico, o músico, cantor e compositor chega a uma coleção de canções que expõem nossas maiores vulnerabilidades - mesmo que à meia luz.

Se nas letras Pedro mergulha em questões pessoais, na estética ele prezou pela pluralidade. Com raízes na música soul norte-americana - e inspirações em Curtis Mayfield, Sly and the Family Stone e Prince -, assim como na rica tradição da

canção brasileira - sintonizando de Paulinho da Viola e Djavan -, as canções de “Luz na Madrugada / Late Night Light” destacam-se pela sua diversidade.

O álbum apresenta melodias pop acompanhadas de harmonias não convencionais, resultado da abordagem intuitiva de Pedro Fonte. Essa fusão entre a música popular brasileira e a língua inglesa levou a um trabalho em que metade das faixas são cantadas em inglês, outras em português e algumas apresentam uma combinação dos dois idiomas.

“As letras falam de amor e das posições que a gente se encontra se relacionando. São coisas que vivi mas tentei me vestir de diversos personagens pra escrever pontos de vistas diferentes. O nome tem

a ver com a sensação de estar no escuro durante a noite, perdido nessas questões da vida e saber que mesmo na escuridão tem luzes lá, as estrelas e a lua... Escrevi quase todas essas músicas em madrugadas”, revela Pedro.

Em termos de produção, o álbum busca inspiração em discos que exploram uma variedade de estilos musicais. Pedro Fonte resalta sua admiração por artistas como Beck, em especial os álbuns “Modern Guilt” e “Sea Change”; Cody Chestnut com seu trabalho “The Headphone Masterpiece”; e Jorge Drexler, com o álbum “Tinta y tiempo”. Assim como eles, Pedro Fonte procura manter uma coerência em termos de timbres, mas explora paisagens sonoras diferentes, conectando-as de forma única em um mesmo disco.

Embora as altas horas da noite tenham servido de mote para as canções, elas não são necessariamente sombrias ou soturnas. É nos encontros que “Luz na Madrugada / Late Night Light” mais brilha - e

eles estão por todo o disco, que abre logo com “Lágrima na Língua”, com Ana Frango Elétrico. Dadá Joáozinho surge em “Mármore”, e “Bom dia tristeza” recebe mãeana. Por fim, Raquel Dimantas é a convidada de “Better Than That”. Ao longo de todas as faixas, surgem ainda instrumentistas de luxo: Guilherme Lirio, Iuri Brito, Kassin, Rudah Guedes, Christian Dias, Marcelo Callado e Mari Romano, todos referência na cena carioca.

Essa exploração guia a nova fase criativa de Pedro Fonte, que tem construído ao longo da última década uma reputação como baterista de renomados artistas - tendo trabalhado com músicos como Cícero, Rubel, mãeana, Antonio Neves e Marcelo Callado. Agora, ele revela outra faceta de seu trabalho.

30 ANOS DE HISTÓRIA:

Líder na região que mais cresce e consome no Brasil!



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA!

Toda semana uma edição nova para você

Procure nossos totens nos principais shoppings, supermercados e galerias da Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Vargens,, Jacarepaguá e São Conrado.



REDES SOCIAIS

@jornaldabarra

jornaldabarra.com.br

